

## Editorial

## A VOZ DAS MULHERES

Foram 23 anos de agressões físicas e ameaças de morte. Maria da Penha Maia Fernandes é o rosto de centenas de mulheres brasileiras que ganhou um lugar nos livros de história.

O Brasil ocupa o quinto lugar no ranking mundial de homicídios de mulheres. Os números constam de um estudo realizado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso).

Em vigor há dez anos, a Lei Maria da Penha conseguiu reduzir em 10% esses índices, ainda que as taxas de infração continuem elevadas e grande parte dos casos não saiam de dentro dos domicílios.

Segundo dados da ONU, uma em cada três mulheres no mundo já sofreu violência física ou sexual. Cerca de 120 milhões de meninas já foram submetidas a sexo forçado, e 133 milhões de mulheres sofreram mutilação genital.

No Brasil, somente no primeiro semestre de 2015, foram feitos 179 relatos de violência contra mulheres por dia, totalizando mais de 32 mil denúncias no Ligue 180.

Mas os prejuízos de pertencer ao lado feminino da sociedade vão além. De acordo com dados da União Interparlamentar, as mulheres constituem 22,6% do Poder Legislativo no mundo. No Brasil, elas são apenas 8,6%.

Relatório realizado pela ONU Mulheres constatou que a taxa de desemprego delas é cerca de duas vezes a dos homens, além de, em todo o planeta, elas receberem 24% menos que eles. Mas é válido lembrar que nunca se falou tanto em direitos da mulher. Do crescimento da militância feminista à aprovação da Lei do Feminicídio no Brasil, as mulheres fazem ecoar suas vozes no enfrentamento do conservadorismo mundial.

Ainda assim, até que o dia 8 de Março se restrinja simplesmente ao simbolismo das rosas vermelhas, muitas mulheres continuarão reféns de uma invisibilidade gritante, caladas por uma sociedade que acha normal tratá-las como objetos descartáveis.

## SEMPRE EDITORA LTDA

**FUNDADOR** Vittorio Medioli  
**PRESIDENTE** Laura Medioli  
**VICE-PRESIDENTE** Luiz Alberto de Castro Tito  
**DIRETOR EXECUTIVO** Heron Guimarães

**GERENTE COMERCIAL**  
Alessandra Soares

**GERENTE DE TECNOLOGIA**  
Fábio A. Santos

**GERENTE INDUSTRIAL**  
Guilherme Reis

**GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO**  
Walmir Prado

**GERENTE DE MARKETING**  
Monique Araki

**GERENTE DE CIRCULAÇÃO**  
Isabel Santos

**EDITORA EXECUTIVA**  
Lúcia Castro

**SECRETÁRIA DE REDAÇÃO**  
Michele Borges da Costa

**ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO**  
Murilo Rocha

**CHEFE DE REPORTAGEM**  
Renata Nunes

**EDITORES**

Opinião: Victor de Almeida  
Economia: Karlon Aredes  
Magazine: Silvana Mascagna  
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla  
Política: Ricardo Corrêa  
Esportes: Denner Taylor  
Cidades: Marina Schettini  
Primeira: Frederico Duboc  
Fotografia: Rejane Araújo

## O.PINIÃO

Duke

PERDI A MAIORIA DAS  
MINHAS CERTEZAS. SERÁ  
POSSÍVEL QUE EU CONSIGA  
ENCONTRÁ-LAS?

TENHO MINHAS  
DÚVIDAS!!!



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

## Fernanda Torres detonando diretamente da Belle Époque

Ela foi “uma visão de mundo da burguesia europeia”

**A**o ler o artigo “Mulher” (no blog #AgoraÉQueSãoElas, em 22.2.2016), da atriz e escritora Fernanda Torres, no qual diz: “A vitimização do discurso feminista me irrita mais do que o machismo”, além de expor ideias irreais sobre assédios sexuais sofridos por Irene, sua babá negra, pensei: escrito diretamente da Belle Époque, cujo centro irradiador era Paris, então capital cultural do mundo, mas que persiste como estilo de vida!

Numa visão crítica, só foi uma “bela época” para pouca gente, pois Belle Époque é pra quem pode! Reconheço os legados culturais, artísticos e literários da Belle Époque, mas ela foi “uma visão de mundo da burguesia europeia”, num contexto de explosão tecnológica (telégrafo sem fio, telefone, cinema, bicicleta, automóvel, avião...), num período de bonança e paz vivenciadas “pelas potências ocidentais, sobretudo as europeias, entre 1871 e 1914, quando eclode a Primeira Guerra Mundial”.

Matutando sobre as linhas e entrelinhas do artigo, não esquecendo que vivemos num país desigual, de muitas castas, racista e machista, num contexto de fascismo descarado, repito: por mais solidários que sejam, ricos e brancos jamais saberão o que é exploração de classe e a vida sob o tacho do racismo. Tive a sensação de carregar água na peneira na longa peleja contra o patriarcado, o racismo e a opressão de classe, com todas as mazelas deles decorrentes.

A Belle Époque é contemporânea das mobilizações que resultaram na Revolução Russa de 1917. Enquanto a Belle Époque fascinava letrados do mundo (leia-se: classe média e burguesia), as

ideias socialistas ganhavam corações e mentes da classe operária em diferentes países. A Belle Époque é contemporânea da segunda onda feminista: luta sufragista, mobilizações das operárias (criação de sindicatos femininos) e internacionais socialistas de mulheres: 1ª Conferência Internacional de Mulheres Socialistas, Stuttgart, 1903; 2ª Conferência Internacional de Mulheres Socialistas, Copenhague, 1910; e 3ª Conferência Internacional de Mulheres Socialistas, Berna, 1915.

Sob a vigência da Belle Époque, foi de-

**Por mais solidários que sejam, ricos e brancos jamais saberão o que é exploração de classe e a vida sob o tacho do racismo**

finido o Dia Internacional da Mulher, o 8 de março, há exatos 106 anos, proposto em 1910, na 2ª Conferência Internacional de Mulheres Socialistas, organizada por Clara Zétkin (1857-1933) e Rosa Luxemburgo (1871-1919), tendo como eixo a luta pela emancipação feminina e a igualdade de oportunidades no trabalho e na vida social e política – aspirações ainda atuais.

Concepções equivocadas sobre opressão de gênero e racismo, implícito e explícito, não são monopólios de Fernanda Torres! Ao admitir sua alienação e pedir desculpas, em “Mea culpa” (24.2.2016), ela cresce perante ideias retrógradas, como a aprovação pela Câmara dos Deputa-

dos, em 17.2.2016, da MP 696 (2.10.2015), que, nas palavras de Elza Berquó, “retira da legislação a ‘perspectiva de gênero’ como condição para garantia dos direitos das brasileiras”.

O inusitado de “Mea culpa” é a rapidez com que uma atriz do quilate dela, endeusada pelo seu trabalho, admite que “meteu os pés pelas mãos” e sai da zona de conforto do estilo Belle Époque: “Esperava-se de uma voz feminina que tem um espaço para se posicionar uma opinião menos alienada e classista diante da luta pelo fim de tanta desigualdade e sofrimento que as mulheres enfrentaram e enfrentam pelos séculos”.

É verdade, logo, são legítimos desabaços e análises cruéis sobre os dois artigos da atriz e escritora. Todavia, eu, do meu lugar de negra feminista, avalio que devo dizer no Dia Internacional da Mulher: bem-vinda às lutas feministas e antirracistas, Fernanda Torres!

DUKE

